



FEAR  
THE  
FLAMES

OLIVIA ROSE DARLING

# FEAR THE FLAMES

VENGEANCE IS A PROMISE SIGNED IN BLOOD.

OLIVIA ROSE DARLING

Direitos autorais © 2022 Olivia Rose Darling

Todos os direitos reservados

E-book ISBN: 979-8-9864315-0-5

Brochura ISBN: 979-8-9864315-1-2

Capa dura ISBN: 979-8-9864315-2-9

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do autor, exceto para uso de breves citações em uma resenha de livro.

Design da capa por: Sarah Lee

Ilustradora de mapas: Sarah Lee

Formatação por: The Nutty Formatter

# Conteúdo

[Nota do autor](#)

I. [O acordo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

II. [A Aliança](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

III. O assalto

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

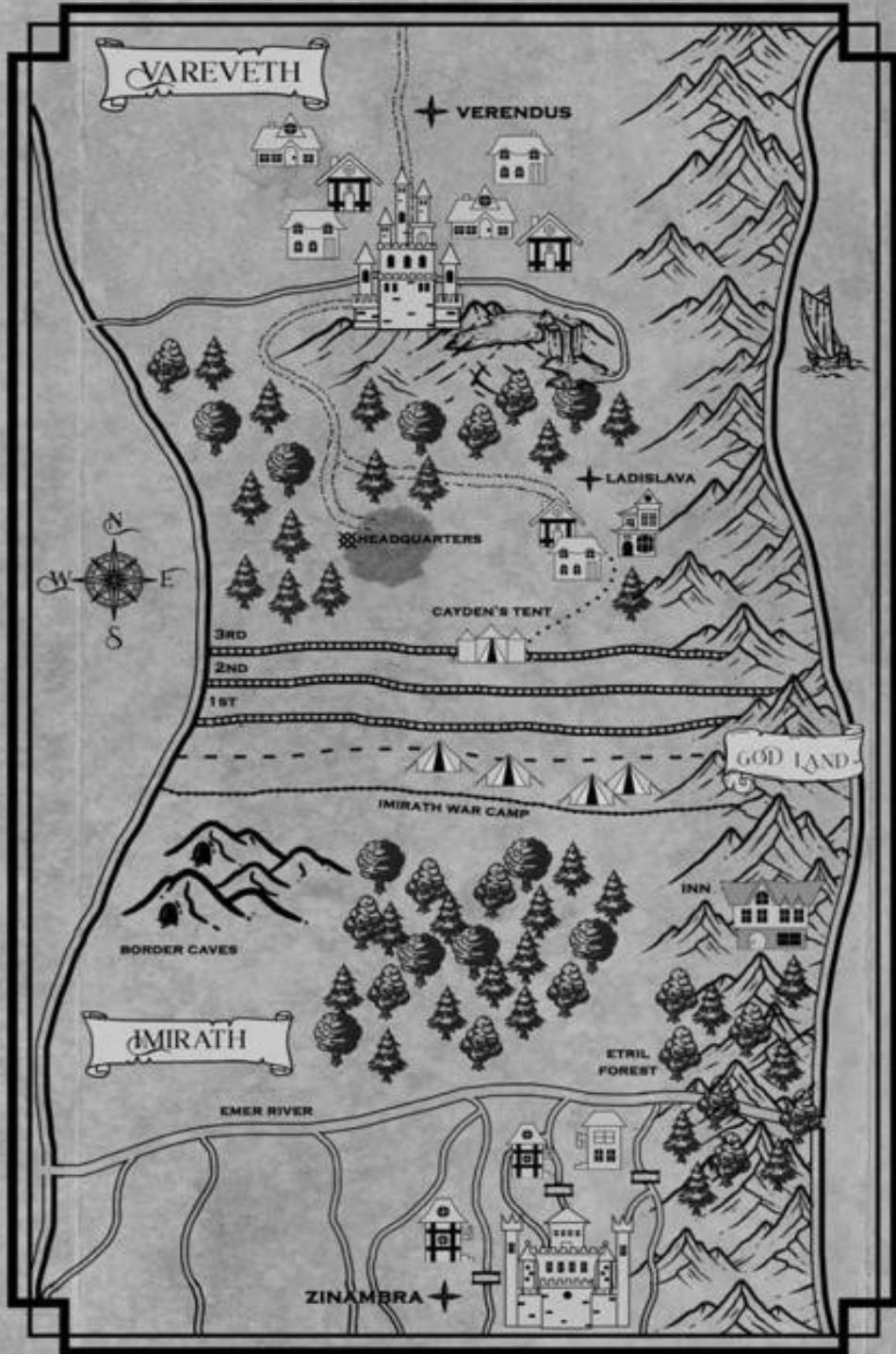
## Nota do autor

Fear the Flames é um New Adult Fantasy-Romance. Ele contém cenas de sexo explícito, descrições de violência, abuso físico, abuso mental, ansiedade e pensamentos depressivos. Este livro pode ser impróprio para menores de 18 anos.

*Para aqueles que carregam o peso do mundo com um sorriso e nunca param de perseguir sonhos que outros consideram irrealistas, grandes demais ou impraticáveis. Cada palavra é para você. Seus sonhos estão vivos, assim como os dragões.*

# RAVARYN





## **Parte Um**



## **O acordo**

# Capítulo Um



Chuva e vento chicoteiam minhas bochechas enquanto eu incentivo meu cavalo a correr mais rápido na floresta escura, com apenas o luar e os relâmpagos para ajudar minha visão. Trovões ressoam pelo céu em conjunto com os cascos do cavalo batendo na terra. Há muitos motivos para uma missão que exige que você cavalgue por condições perigosas — segredo, desespero, curiosidade, vingança, pressa, para citar alguns. Parei de tentar dissecar minhas emoções entrelaçadas anos atrás enquanto assumia uma missão, mas não posso negar a sensação avassaladora de curiosidade que percorre meu corpo esta noite.

A encosta íngreme da montanha lembra um labirinto de árvores caídas, caminhos irregulares e pedras escorregadias. A chuva encharcou minha capa e meu couro, que agora fazem pouco para impedir que o frio penetre em meus ossos. Meu cabelo escuro está encharcado, e vários fios se soltaram da trança que cai pelas minhas costas e gruda no meu rosto como se estivessem cobertos de xarope. Mas nunca vou deixar passar uma oportunidade de obter informações sobre a tensão que se forma entre Imirath e Vareveth.

*Imirath .*

O reino do meu pai, o Rei Garrick.

O ódio me percorre enquanto uma careta contorce meu rosto. A patrulha que enviamos regularmente voltou para Aestilian com notícias de soldados Vareveth cruzando o Rio Fintan. Claro, quase ninguém continua o caminho para a Floresta Terrwyn ou escala as Montanhas Seren, e por um bom motivo. A Floresta Terrwyn é temida por muitos motivos, as feras sendo um deles, mas também há uma verdade muito mais sinistra na floresta. Ela não só prospera na água, mas também no sangue. É um dos lugares mais perigosos para se viajar, mas eu quero saber por que Vareveth está aqui. Nenhum reino fica entre Fintan e Aestilian — é uma terra divina não reivindicada.

Existem várias aldeias dentro da Floresta Sweven, apenas clãs nômades e cultos vagam por Terrwyn, mas nenhum rei ou rainha pode reivindicar qualquer território como seu. No entanto, cidadãos comuns tementes a Deus podem forjar uma vida dentro da floresta, embora seja um caminho traiçoeiro a ser seguido. É por isso que meu pai não me encontrou, não importa quantas patrulhas ou assassinos ele tenha enviado. Forjar um reino em terra sagrada é visto como zombar dos deuses. Os mesmos deuses que abandonam a humanidade e estão adormecidos há quase quinhentos anos. Sem mencionar as feras que patrulham a floresta e a névoa espessa que cobre o ar quanto mais você ascende.

A maioria das pessoas cai de penhascos ou enlouquece quando percebe que não consegue ver as mãos na frente do rosto. Você perde todo o senso de direção e autopreservação a menos que saiba como navegar por ele. O Rio Caleum corre montanha abaixo. Você não consegue vê-lo através da névoa, mas você conseguirá passar se seguir o som fraco da água corrente — se você não for comido ou cair para a morte primeiro. Se você mantiver seu juízo sobre você, você encontrará Aestilian, meu reino, escondido em um vale próximo às Cataratas de Syssa. Um lugar onde aqueles considerados indignos da sociedade fizeram um lar. Não é um oásis, não é nem de longe perfeito, mas é um lar.

O cavalo de Finnian acelera o passo e corre ao lado do meu, acompanhando o passo dela. Dou uma olhada rápida para ele — seus cachos ruivos estão achatados contra sua testa, e sua pele de porcelana quase brilha na escuridão.

"Você vai me dizer por que correu para dentro de casa e me arrastou para fora como um goblin enlouquecido?", ele grita sobre a tempestade. Tecnicamente, eu nunca disse a Finnian por que deixamos Aestilian, mas paramos de esclarecer detalhes um com o outro anos atrás.

Onde eu vou, ele vai.

Aonde ele vai, eu vou.

"Um goblin perturbado?" Eu rio e olho para ele novamente, mas agora um sorriso largo cobre seu rosto.

"Sim." Ele limpa a garganta, e eu já sei que ele está prestes a imitar minha voz, "*Finnian, vamos! Coloque sua bunda em um cavalo! Coloque essa traseira em marcha!*" Sua voz falha na última palavra, o que só aumenta minha risada. "Deuses, isso era muito mais fácil de fazer quando éramos mais jovens."

"Suas bolas caíram?" Eu suspiro, e ele me lança um olhar que diz que ele me daria um peteleco se não estivéssemos cavalgando.

Finnian chegou a Aestilian quando tinha dez anos, e eu tinha onze. Ele morava em uma vila nas profundezas da Floresta Sweven, ao norte de Feynadra, com seus pais e três irmãos antes de uma disputa de clãs ocorrer. Deixando-o com uma casa queimada e uma família que se juntou às cinzas. Era verão e ele tinha adormecido sob uma árvore depois de perseguir vaga-lumes, que é a única razão pela qual ele não foi reduzido a cinzas naquela noite. Às vezes ainda me pego sussurrando palavras de agradecimento aos insetos quando suas pequenas lâmpadas de luz rompem a escuridão nas noites quentes de verão.

Meu tio, Ailliard, enviou uma patrulha após saber do que ocorreu na vila e trouxe Finnian e vários outros de volta para Aestilian. Finnian era pouco mais que pele e ossos quando o vi pela primeira vez, com braços esguios e pernas bambas — ele desmaiou logo após desmontar do cavalo com Ailliard. Eu não tinha um único amigo até aquele dia, não que não houvesse crianças em Aestilian, mas dois fatores contribuíram para meu isolamento. O primeiro é que Ailliard sempre fez questão de me lembrar que sou uma rainha. Aestilian nunca foi feita para se tornar um reino, mas parecia covarde me esconder quando tínhamos a capacidade de ajudar as pessoas. Nunca recebi a

misericórdia de alguém agarrando minha mão estendida, mas posso segurar a de outra pessoa.

Embora, acolher pessoas não seja totalmente altruísta. Quanto mais pessoas em Aestilian, mais poder eu tenho. Um reino maior equivale a um exército maior, o que equivale a se tornar uma ameaça maior, e eu gosto bastante da ideia de ser uma ameaça. Não aprimorei minhas habilidades ou espiei das sombras desde que escapei de Imirath para nunca fazer meu movimento neste jogo. Você só pode prejudicar uma pessoa tantas vezes antes que ela deixe a retribuição superar sua dor. Cada canto de Ravaryn sentirá minha presença quando eu me juntar ao mundo. Eles dirão que a princesa perdida voltou como uma rainha vingativa, e eles não estarão errados.

Ailliard carregou Finnian para a casa de cura, onde ajudei a cuidar dele até que ele estivesse bem o suficiente para ficar de pé. Eu não tinha falado com muitas pessoas além de quando eu tinha que falar; eu ficava sozinho na maior parte do tempo. Eu fui traído pelas duas pessoas neste mundo que deveriam me proteger mais do que qualquer outra pessoa, e como resultado, eu desenvolvi uma incapacidade de deixar as pessoas entrarem. Mas Finnian arou as paredes que eu construí ao meu redor em pedacinhos e se tornou meu melhor amigo.

Já era tarde quando recebi o relatório da guarda dos soldados Vareveth cruzando o Fintan. A escuridão já segurava a floresta encharcada pela chuva em suas garras. Eu teria saído direto da casa da guarda, mas sabia que Finnian ficaria chateado se eu sáísse tão tarde sem avisá-lo.

“Soldados Vareveth foram avistados na taverna na beira do Terrwyn. Eles cruzaram o Fintan.”

As sobrancelhas laranja de Finnian se erguem, e ele balança a cabeça levemente, “Vareveth! Você tem certeza?”

“Mantos verdes, cavalos bem cuidados e uniformes caros”, recito as palavras do relatório da guarda.

Finnian morde o lábio inferior, “Eles teriam que passar por Feynadra ou Urasos para chegar aqui.”

“Exatamente. É uma caminhada e tanto para *apenas* uma cerveja em uma desculpa triste de taverna,” eu reflito.

Retornamos ao silêncio enquanto as lanternas acesas sobem à distância. Reduzimos a velocidade dos cavalos ao passar pelo portão desgastado pelo tempo, seus cascos chapinhando na estrada lamacenta. O cheiro de sal permanece no ar que vem do Mar Dolent. Já estive nesta vila antes, mas as casas de madeira escura, as lojas e a taverna parecem ainda mais sombrias quando envoltas em escuridão.

Meu cavalo segue Finnian pela estrada, que não está tão cheia quanto de costume, apesar dos estábulos lotados e do volume impressionante da taverna à nossa frente. Desmonto meu cavalo atrás de Finnian e os amarramos em seu posto habitual. Nunca deixamos nossos cavalos em estábulos em missões; é melhor mantê-los por perto, caso algo dê errado. O que geralmente acontece até certo ponto, mas eu adoro a imprevisibilidade desse tipo de missão. Eu nunca fui feito para viver uma vida ociosa.

Pego na minha bolsa de sela para tirar uma capa preta seca e uma máscara facial para cobrir meu nariz e boca. É normal usar uma máscara facial nesta parte do continente, considerando que não há um governante para responsabilizá-lo, apenas a lei dos deuses. Se eles acordarem o suficiente para limpar sua baba divina e me dar um tapa no pulso, então que assim seja. Eu tenho minhas facas e não estou acima de esfaquear um deus. Há alguma aparência de governo dentro de cada vila, mas não é nada do qual você não possa fugir se tiver muitos problemas. Também é melhor que eu cubra meu rosto, já que Imirath está ficando inquieto. Não houve uma tentativa de assassinato em alguns anos, mas ainda é melhor tomar precauções quando posso.

Meus dedos prendem a máscara em uma das minhas orelhas e me abaixo para ter certeza de que todas as minhas facas estão seguras em minhas pernas. Meus couros pretos de luta grudam em mim em um dia normal, mas a chuva praticamente os transformou em uma segunda pele. Eu me endireito e passo meus dedos sobre as duas facas presas em meu espartilho antes de prender os fios que caíram da minha trança atrás das minhas orelhas. Finnian também está vestido com seus couros pretos. Uma espada pende baixa em seus quadris, mas a arma que ele prefere está presa em seu

peito — um arco marrom e uma aljava cheia de flechas feitas por suas próprias mãos. Ele passa os dedos por suas penas e se vira para mim.

“Está com sede de sangue esta noite?” Seus olhos azuis dançam com malícia enquanto a luz da lanterna dança em seu rosto redondo e sardento.

“Sempre.” Dou de ombros enquanto um sorriso irônico surge no canto dos meus lábios. Ele ri suavemente, mas seu humor desaparece quase tão rápido quanto apareceu. “Você acha que Vareveth cruzará o Terrwyn?”

Tamborilo meus dedos no topo das minhas coxas e balanço a cabeça. “Não é como se os riscos da floresta fossem mantidos em segredo.”

Algumas pessoas, clãs e cultos incluídos, levam sua adoração mais longe do que outras que habitam nosso continente, Erebos, e adoram os deuses em terras divinas. Os lugares onde há rumores de que nossos deuses perdidos dormem. A terra dos deuses está espalhada por todo o nosso mundo, Ravaryn, e imagino que seja tão perigosa em qualquer outro continente quanto no nosso. Ruínas de templos estão espalhadas por todo o Terrwyn, o que foi útil como abrigo em mais de uma ocasião, mas é até onde vai meu relacionamento com os deuses. Talvez eu murmure uma ou duas orações quando minhas cólicas menstruais estiverem obscenamente horríveis, mas aprendi a fazer meu próprio destino em vez de deixá-lo nas mãos de algo que não consigo ver.

“Ponto justo,” Finnian dá de ombros. “Qual é o plano? Isto é, se você tiver um.”

“Claro, eu tenho um plano.” Ele leva a mão ao peito e suga um suspiro dramático que me faz querer levantar a mão e torcer sua orelha. Eu o encaro e continuo, “Você fica nos níveis mais baixos e vê o que consegue descobrir dos soldados que estão muito bêbados. Eu espiei através das tábuas do assoalho os soldados de patente mais alta. Temo que se Vareveth for conquistado, Garrick continuará avançando para o norte até controlar todo o Erebos.”

Finnian assente, sem se abalar com minha proclamação. Já falei sobre meus medos para ele em inúmeras ocasiões. Sou uma rainha desde o primeiro momento em que decidimos abrir Aestilian para refugiados. Devo sempre priorizar a segurança e o bem-estar dos meus cidadãos, mesmo quando isso coloca o meu em perigo.

“Mantenha os olhos atentos; não vou ouvir o fim disso de Ailliard se eu trazer você de volta todo ensanguentado”, comenta Finnian.

"Eu? Imprudente? Não tenho ideia do que você está se referindo", finjo confusão.

“Muito engraçado, Elowen.” Ele cruza os braços vestidos de couro sobre o peito.

“Coloque a máscara,” ele pisca enquanto passa por mim em direção à entrada da taverna.

Capítulo  
**Dois**



Entro na taverna alguns minutos depois de Finnian. Nós nunca ficamos juntos nessas missões, então é melhor não entrarmos em lugar nenhum ao mesmo tempo. Nossa estratégia sempre foi dividir e conquistar, mas encontrar o caminho de volta um para o outro se algo der errado.

A porta rangente se fecha atrás de mim, e sou cercado por um mar de músicos desafinados e vozes altas. Nunca fui fã de lugares barulhentos, mas Finnian prospera neles. É o que nos torna um bom par. Espio através da multidão e o vejo já sentado no bar, cercado por várias capas verde-escuras. Seu cabelo ruivo úmido pega a luz da lanterna enquanto ele joga a cabeça para trás em uma risada barulhenta. Não consigo ouvi-lo daqui, mas a canção de sua risada é uma melodia costurada em meu cérebro.

Firmo meus pés no chão irregular enquanto sigo para a escada escura no canto da taverna. Mantendo minha cabeça baixa enquanto passo pelas mesas descombinadas cheias de soldados jogando cartas ou gritando por outra rodada de bebidas. Ninguém se vira para mim; eles estão todos muito absortos no que quer que esteja na frente deles. Há uma seção nos fundos desta taverna, uma mais silenciosa, para onde os generais geralmente gravitam. Pelo menos, é assim que sempre foi sempre que venho aqui para espionar Feynadra ou Urasos sempre que eles atravessam o Fintan — nenhum dos reinos é tão poderoso quanto Vareveth, e geralmente terminam suas patrulhas de fronteira aqui.

A taverna é tão simples por dentro quanto por fora. Não há sentido em confusão e frescuras quando todos aqui vêm apenas com um único propósito: ficar bêbados

enquanto passam. Vigas de madeira disparam em direção ao teto para sustentar o segundo andar. As paredes estão completamente nuas, exceto pelas lanternas enferrujadas pregadas no lugar. Poças de cera de vela endureceram no chão e só aumentam com o passar do tempo. As multidões aqui costumam ficar turbulentas e provavelmente arruinariam qualquer forma de arte depois de empurrar alguém contra as paredes.

Além dos soldados em que Finnian se meteu, a taverna está cheia de moradores, viajantes, mercadores e pessoas que parecem muito interessadas na mesa à sua frente para que eu pense que estão aqui para fazer algo de acordo com a lei divina. Não que eu me importe, mas se você vai se envolver em desvio, pelo menos faça um esforço para esconder isso.

Meus olhos lacrimejam enquanto caminho por grossas nuvens de fumaça de cachimbo que flutuam pela pequena taverna. Fico nas sombras ao longo da parede e dou meu primeiro passo na escada frágil. Ela range tão alto que, se eu não tivesse feito essa subida inúmeras vezes, pensaria que a madeira não é forte o suficiente para suportar qualquer tipo de peso. Mas continuo minha jornada sem pensar duas vezes, desviando de teias de aranha ao longo do caminho.

Paro no topo da escada, forçando meus ouvidos para sintonizar qualquer sinal de movimento ou respiração, mas nada me alcança. É um sótão aberto, mas está cheio de sacos de grãos, barris de vinho e cerveja, móveis cheios de poeira e qualquer outra coisa que a taverna possa precisar. É o lugar perfeito para escapar para flertes no escuro. Nenhuma vela enfileira as paredes. A única luz que se infiltra no espaço vem do luar que escorre por buracos no telhado e da luz da lanterna que sobe de rachaduras nas tábuas do assoalho.

Meus passos são leves, embora ninguém na taverna consiga ouvi-los por causa do barulho. A última coisa que quero é um pouco de poeira caindo em uma de suas bebidas, me entregando antes mesmo de ter a chance de obter qualquer informação. Eu navego pelo chão enquanto imagino o layout da taverna em minha mente — viajando para a seção onde sei que os generais se sentam, mais longe dos violinos e flautas. As pessoas que se sentam lá são as que têm informações dignas de se agachar em um sótão.

Eu me encolho enquanto olho para a sujeira e a tábua do chão coberta de poeira na qual estarei pressionando meu ouvido. É a rachadura usual em que pressiono meu ouvido, mas está muito mais sujo do que o normal. Suspiro enquanto afundo de joelhos e limpo minha capa sobre o local para limpá-lo o melhor que posso.

Pego uma faca da minha coxa antes de me deitar de bruços e pressionar meu ouvido na pequena rachadura. O aço familiar é uma presença bem-vinda na minha palma. Desde que escapei de Imirath, nunca passei um único dia sem uma faca — mesmo antes de saber como usá-las. Meu estômago azeda da maneira familiar que acontece sempre que penso em Imirath, mas afasto meus pensamentos do fundo da minha mente. Fecho meus olhos e deixo todos os outros ruídos desaparecerem, concentrando-me na conversa que ignorantemente entra em meus ouvidos enquanto a fumaça sobe pelo ar.

"Eagor pode ser um sujeito fácil de lidar às vezes, mas ele não vai desistir disso", resmunga uma voz masculina profunda.

"Ele não tem escolha. Cayden não o deixará," uma voz feminina afiada responde.

*Caiden.*

Já ouvi falar dele.

Eles estão falando sobre seu comandante, Cayden Veles. Ele é o mais jovem e temido senhor da guerra do continente. Não sei muito sobre ele além do fato de ser a única pessoa com coragem suficiente para enfrentar Imirath. Todos os outros comandantes antes dele negociaram com a ameaça para apaziguar Garrick. Cayden Veles é o primeiro e único comandante a trazer a guerra de volta a Imirath em vez de implorar por um curativo em uma ferida que já sangrava.

Não me importa se sua decisão é fruto de confiança ou arrogância.

"Ele está cansado de perder soldados na fronteira em escaramuças sem sentido. Ele precisa fazer um grande movimento e sabe disso. A tensão está quase no ponto de ebulição como está," a mesma voz masculina corta a música.

"Sim, mas essa guerra vai acabar antes mesmo de começar se Garrick encontrar uma maneira de controlar os dragões." Meus olhos se abrem de repente e o choque percorre meu corpo. Meu coração bate tão rápido que me preocupo que esteja batendo como um punho contra o chão. Garrick não deixa escapar nada sobre os dragões. A única razão

pela qual sei que eles estão vivos é porque eu teria sentido a morte deles. O vínculo que compartilho com eles teria se quebrado, e qualquer texto que eu tenha lido me garantiu que eu sentiria isso — *uma dor excruciante*, muitos deles disseram. Ele seria um tolo em matá-los. A mera ameaça dos dragões mantém toda Ravaryn longe de suas fronteiras.

*Meus dragões.*

O segredo que meu pai gostaria de ter guardado, mas nunca teve chance. Quando eu nasci, meus pais deram um baile em comemoração ao herdeiro. Todos os reinos foram convidados, incluindo Galakin. A rainha na época não achou que estava fazendo nada de errado ao trazer seu vidente da corte. É costume das cortes que ainda utilizam magia trazer seus videntes e oferecer um pedaço de boa sorte para o convidado de honra.

A vidente colocou cinco ovos de dragão no pé do meu berço e começou a explorar sua magia. A profecia previu que minha alma é forjada em chamas, o que me dá um elo com cinco dragões. Ela me chamou *de tempestade de fogo feita carne*. Os ovos chocaram no salão de baile e surgiram cinco dragões bebês que se empoleirava em volta do meu berço. Em vez de meus pais verem isso como uma vantagem para Imirath, meu pai só viu isso como um motim. Ele temia que eu o derrubasse quando crescesse, e meu elo e dragões ficassem mais fortes.

Passei de princesa a prisioneira da noite para o dia.

Balançando a cabeça, eu me forço a me concentrar novamente na conversa abaixo de mim. Agora não é hora de me preocupar e perder informações. A ignorância não me levará a lugar nenhum, e eu serei amaldiçoado antes de deixar minhas emoções atrapalharem minha vantagem.

“Cayden tem um plano para isso — você sabe que ele está sempre tramando ou conspirando”, diz a voz masculina.

“Bem, vamos ver se esse esquema segue adiante. Talvez o herdeiro de Atarah esteja vivendo em uma tenda em algum lugar na floresta.” Um arrepio percorre minha espinha, e eu inalo uma respiração tão forte que minha máscara facial obstrui minhas vias aéreas. Uma das minhas mãos aperta o cabo da minha faca enquanto a outra puxa a máscara abaixo do meu queixo. A risada que é compartilhada abaixo de mim não se

infiltra em minhas emoções; minha mente e meu corpo estão zumbindo em uma mistura de surpresa e adrenalina.

Os soldados Vareveth estão aqui... porque estão me procurando.

“Ouvindo alguma coisa interessante, pequena sombra?” uma voz profunda fala arrastada do topo da escada. Meus dedos puxam minha máscara para cima, e eu levanto minha cabeça do chão antes de me levantar. Meus olhos perscrutam o espaço e percebem uma figura grande e masculina encostada na entrada. Ele chuta o batente da porta e caminha lentamente em minha direção, a madeira rangendo sob seus passos pesados.

“Na verdade não.” Dou de ombros enquanto giro a faca na minha mão, deixando a lâmina prateada refletir o luar ao longo do fio.

“Você costuma ficar boquiaberto com fofocas inúteis?”, ele pergunta enquanto para alguns metros à minha frente. Seus olhos dançam sobre meu corpo, observando meus couros e facas antes de piscar de volta para meu rosto. Um fragmento de luar filtra-se por uma rachadura no teto e dança em uma de suas maçãs do rosto angulares como se desejasse alcançá-lo e tocá-lo. Uma cicatriz branca irregular se estende do canto do olho direito, atravessa sua bochecha e termina perto do canto do lábio.

“Eu vi uma aranha”, respondo enquanto continuo a observá-lo. Uma armadura preta repousa sobre seus ombros largos e abraça seu torso e braços musculosos. O mesmo material metálico preto abraça suas coxas e desce por suas panturrilhas. Seu corpo alto está coberto de armas; várias facas alinham suas pernas, duas espadas curtas estão amarradas em sua cintura, e espio o cabo de uma espada larga aparecendo por cima de seu ombro.

Faz sentido que o soldado esteja usando armadura. É mais forte que couro, e ele está muito longe de Vareveth. Ele não precisa abrir a boca para que eu consiga dizer de onde ele é — a condição de sua armadura revela sua posição.

“Hm,” ele reflete, o resto do rosto ainda coberto de escuridão, além da bochecha. “É uma pena que eu saiba que você está mentindo, considerando que eu sei exatamente quem você estava ouvindo.”

Caramba.

Talvez ele seja mais do que um soldado de infantaria.

“Talvez você devesse voltar para eles. Certamente, eles estão sentindo muito mais sua falta do que eu”, sugiro em um tom indiferente.

"Você achou que eu não iria notar você?" ele pergunta, ignorando minha sugestão anterior.

Ninguém nunca me notou antes.

Até Finnian elogiou minha capacidade de me mover como um fantasma no meio da multidão.

Ele está parado entre mim e a única saída do sótão. Minha única outra opção é pular da janela. Eu pulei de mais alto, mas Finnian ainda está lá embaixo, e há muitos soldados entre ele e a saída da taverna. Eu avalio seu tamanho, ainda girando minha faca... Eu derrubei um maior.

Minha mão aperta o cabo da minha faca, e eu avanço sobre o homem uma fração de segundo antes que ele avance sobre mim. Eu bato meu punho em seu maxilar e ignoro a sensação latejante em meus dedos que se segue. Ele mal recua e agarra meu pulso antes que eu tenha a chance de puxar minha mão para trás. Eu empurro minha perna para frente para dar uma joelhada entre suas pernas, mas ele sente meu movimento antes que eu o faça e se afasta do golpe. Ele tira vantagem da minha posição desequilibrada e arranca a faca da minha mão. Ele a joga para o lado e me puxa em sua direção, pegando meu outro pulso com a outra mão e batendo minhas costas na parede.

“Agora que já tiramos isso do caminho, o que você ouviu?” A luz é forte o suficiente para eu distinguir um sorriso arrogante e a intensidade que envolve seu olhar.

“Acho que você deveria ter me prendido a uma parede em uma sala maior. Não acho que seja grande o suficiente para acomodar seu ego.” Eu me esforço contra seu aperto.

Ele arqueia uma sobrancelha escura, e seu sorriso cresce. “Facas, espionagem e uma língua afiada. Você está jogando um jogo perigoso,” ele estala a língua, “porque estou intrigado.” Seus olhos dançam sobre meu rosto novamente, mas prendem minha máscara, “Posso tirar isso?”

Meu coração dispara, mas não deixo transparecer pelos meus olhos, que estreito em fendas. Eu já sei o jogo que ele está jogando — se eu disser não, ele saberá que sou uma pessoa que não quer ser encontrada. O que não é inteiramente verdade. Eu só quero

entrar no jogo nos meus próprios termos, e sei que ele faz parte dos soldados que estão me procurando.

Reviro os olhos: "Você me prendeu na parede e ainda assim pede permissão para tirar minha máscara?"

"A cavalaria não está totalmente morta." Ele me pressiona ainda mais contra a parede e inclina sua cabeça para mais perto da minha. Se ele acha que eu vou desmoronar, ele vai se enganar. Eu já enfrentei ameaças maiores do que um soldado em um sótão. Uma ideia surge no fundo da minha mente — ele vai ter que segurar meus pulsos com uma mão para tirar minha máscara. Ele está me subestimando. Provavelmente por causa da nossa diferença de tamanho.

Eu aceno com a cabeça e fico parado enquanto ele desliza minha mão esquerda contra a parede, trazendo-a para mais perto da minha direita. Seu aperto no meu pulso esquerdo afrouxa, e seu dedo indicador roça contra a coluna do meu pulso. Eu puxo para frente e arranco minha mão esquerda livre, socando-o no peito. Ele cambaleia para trás e eu aproveito a situação. Minha perna voa para frente, e eu *finalmente* dou uma joelhada nele onde o sol não brilha. Ele solta um gemido de dor quando eu me agacho na frente dele e passo minha perna por baixo dele. Suas costas batem no chão com um estrondo alto.

Espero mesmo que ninguém tenha ouvido isso.

Eu subo em seu corpo alto e prendo seu torso entre minhas pernas. Pego outra faca da minha coxa, seguro em sua garganta e não luto contra o sorriso arrogante que agora surge em *meus* lábios. Ainda estamos envoltos em escuridão, mas seu olhar calculista brilha através das sombras e faz meu batimento cardíaco acelerar.

"Eu prefiro muito mais essa posição." Coloco minha mão livre em seu peito e me inclino para frente para pairar acima de seu rosto.

"Não posso reclamar", ele diz em um tom desprovido de qualquer ansiedade que alguém possa ter ao sentir uma faca pressionando seu pescoço.

Ignoro seu comentário e continuo minha perseguição: "O que seu comandante quer com o herdeiro de Atarah, soldado?"

Ele mantém o rosto vazio de qualquer emoção: "Por que eu contaria a você qualquer coisa que meu comandante queira?"

"Você não conhece o herdeiro de Atarah, eu conheço. É um conceito bem simples de entender se seu cérebro consegue trabalhar tão duro."

Ele enfia a língua na lateral da bochecha. "O herdeiro pode ser útil no conflito que se aproxima."

"Como?", pergunto enquanto enfio a faca ainda mais em sua pele, mas não com força suficiente para tirar sangue ainda.

"Você disse que a conhece?" Sua sobrancelha direita se ergue levemente, e sua cicatriz se move junto.

"Sim."

"Ela estaria disposta a se encontrar com meu comandante?" Uma bola emaranhada de curiosidade, ansiedade e excitação ressoa através de mim.

Eu poderia ter uma reunião com o Comandante de Vareveth, rival do meu pai.

O inimigo do meu pai me quer.

Mas e se for para me resgatar?

"Ainda não," eu digo. Seus olhos se estreitam e ele espera que eu diga meus termos. Abro a boca para listá-los, mas sou interrompido por um rosnado desumano vindo do telhado. É um som com o qual infelizmente estou familiarizado.

Um espectro inferior.

A criatura mortal cai no sótão pelo maior buraco no canto do telhado. Eles podem sentir o cheiro de sangue humano a cinco milhas de distância e anseiam por ele mais do que por água. É uma fera grande, coberta de pelos brancos e grossos, com olhos vermelho-sangue. Conforme o netherwraith cresce, também crescem dois chifres curvos no topo de sua cabeça, e eles são afiados o suficiente para perfurar você se decidirem atacar. Uma língua bifurcada pende de sua boca, pingando um veneno espumoso. É uma fera de pesadelos, como todas as feras que rondam as montanhas Sweven, Terrwyn e Seren. Eu saio do soldado abaixo de mim e pressionno minhas costas contra a parede enquanto ele se levanta. Ele desembainha a espada larga de suas costas e uma faca de arremesso de sua coxa enquanto seu olhar predatório rastreia a fera.

“Diga seus termos”, ele declara sem tirar os olhos da besta. O netherwraith avança com os olhos fixos no soldado. Deslizo contra a parede e me aproximo das escadas. Preciso chegar até Finnian.

“Há uma clareira onde o Rio Fintan encontra o Lago Neera. Encontre-me lá amanhã à noite com um símbolo de boa fé, e podemos seguir em frente a partir daí.” A fera passa por mim, ainda morta no soldado.

“Um símbolo de boa fé?” ele ri. “Minha fé minúscula não é colocada em coisas que muitos considerariam *boas* .”

“Não vou mandar o herdeiro até você só para ser resgatado. Mostre-me que está disposto a trabalhar com ela, e eu serei o juiz se você vai conhecê-la ou não. Não gosto muito de você, então traga seu charme da próxima vez, soldado.” Desvio meus olhos da besta e percebo o quão perto estou da saída. Agora estou diretamente atrás do espectro inferior. É a distração que preciso para sair daqui sem que o soldado me mantenha refém, mas não posso deixá-lo morrer antes de descobrir o que Vareveth quer. Jogo a faca na minha mão direita; a besta grita enquanto afunda em sua perna traseira. Eu me afasto do sótão, correndo o resto do caminho em direção às escadas.

“Não há um único lugar neste mundo em que você possa se esconder de mim, entendeu?” Seu tom me faz parar no topo da escada. Estico meu pescoço a tempo de vê-lo levantar sua espada em direção à fera enquanto ele se agacha em uma posição defensiva perfeita. “Se você correr, eu te encontro”, ele declara, dando uma última olhada para mim antes de balançar sua espada na fera que salta em sua direção.

“Venha sozinho!” Eu grito enquanto corro do sótão.

Capítulo  
**Três**



Todos devem ter ouvido o rosnado do espectro inferior porque a maioria dos ocupantes está dando cotoveladas uns nos outros para chegar à saída. Minha cabeça gira ao redor da sala, tentando encontrar Finnian em meio à comoção. Não é a primeira vez que não consigo localizá-lo em uma missão, mas a sensação desconfortável que acompanha a ausência de sua presença nunca vai embora. Abro caminho com cotoveladas pela multidão e sigo em direção à porta. Concordamos em sempre nos encontrar em nosso ponto de partida em vez de perder tempo tentando nos encontrar no caos — apenas quando as missões não são *tão* perigosas. Se Finnian estiver em perigo, mergulharei no coração do caos sem armas.

Meu corpo empurra a multidão que se move em direção à entrada do sótão. O soldado deve ser de alta patente se vários outros soldados estão correndo para ajudá-lo. Não parecia que ele precisaria de ajuda. Ele exalava uma calma letal que apenas soldados experientes dominam após anos de luta. A julgar pelo tamanho de sua arma e seu rápido trabalho de pés, ele é definitivamente um soldado experiente.

Lambo meus lábios secos.

Se ele for um soldado experiente e de alta patente, não demorará muito para matar um netherwraith ferido. Preciso sair daqui antes que ele saia. Não quero encontrar o comandante enquanto ele estiver cercado por outros soldados Vareveth. Terei que chegar cedo à clareira amanhã para garantir que o soldado chegue sozinho. Atravesso a soleira e uso meu ombro para cortar para a esquerda da taverna onde amarramos os cavalos. Uma onda calmante toma conta da minha ansiedade quando vejo Finnian

sentado em cima de seu cavalo que ele já havia desamarrado. As rédeas do meu cavalo estavam na palma de sua mão.

“Eu estava prestes a entrar e procurar por você,” ele diz enquanto solta as rédeas quando estou perto o suficiente para ouvi-lo. “Um netherwraith?”

“Sim. Um enorme,” eu respondo enquanto me balanço para cima. Um trovão ressoa acima de nós enquanto um rosnado se transforma em um gemido, e então o sótão fica em silêncio. O soldado matou o netherwraith, e nós nem saímos ainda.

“Não sei se quero perguntar isso, mas em quanta merda você se meteu?” Finnian pergunta.

"Não mais do que a quantidade usual." *Mentiras*, acho que acabei de me meter em uma quantidade imensurável de merda. Viro meu cavalo em direção aos portões e a cutuco na lateral, sinalizando para ela correr.

*Se você correr, eu te encontro.*

Calafrios percorrem minha espinha, mas dessa vez não é por causa da chuva. Não me viro, mas juro que consigo sentir o calor do olhar dele marcando minhas costas através da janela do sótão. Continuamos empurrando nossos cavalos pela floresta escura e encharcada de chuva até que tenho certeza de que ninguém nos seguiu.

*Não há um único lugar neste mundo onde você possa se esconder de mim, entende?*

Outro arrepio percorre minha espinha. Isso é impossível. Estou escondido há quatorze anos, e ninguém conseguiu me encontrar. Não há como um soldado aleatório sem laços comigo mudar isso. Se ele estivesse nos seguindo, teria que ser a cavalo para acompanhar nosso ritmo, e nós o ouviríamos cavalgando pela floresta. A chuva também é forte o suficiente para cobrir qualquer rastro que fizemos.

Não, ele não vem.

Idiota arrogante.

Chegamos à beira do Terrwyn antes de desacelerarmos nossos cavalos. A água corrente do Rio Caleum sinaliza o início de nossa subida pela encosta da montanha. Desmonto do meu cavalo e a levo para uma bebida rápida depois de correr pela última hora.

Não parei de morder meu lábio inferior desde que saímos da taverna, e posso sentir o gosto do sangue acobreado na minha língua. Há muitos pensamentos passando pela

minha cabeça. Muitos cenários possíveis que podem terminar comigo morrendo, ou pior, de volta a uma cela de Imirath. Eu me agacho perto do rio para jogar água fria no meu rosto já congelado antes de deslizar minhas mãos para cima e enredá-las nas raízes do meu cabelo úmido.

Apenas respire.

*Dentro e fora. Dentro e fora.*

Encontre uma maneira de controlar a situação antes que ela controle você.

Sinto a presença de Finnian ao meu lado antes que ele abra a boca. "Você vai precisar de pontos se continuar mordendo o lábio desse jeito."

Uma risada sem entusiasmo sai dos meus lábios: "O que você descobriu?"

Ele suspira enquanto se agacha ao meu lado. Ele pega uma flecha de sua aljava e passa os dedos pelas penas. "O comandante deles está fazendo com que procurem por algo. Eles não sabem o quê", diz Finnian. Isso confirma que o soldado é de alta patente, talvez até um general, já que ele sabe o que o exército está procurando.

"Eles estão me procurando, Finnian," eu sussurro. A flecha escorrega de suas mãos e ele afunda os dedos na margem lamacenta do rio para não cair. Eu me forço a virar a cabeça e olhar para ele. Descrença e confusão nublam suas feições.

"Não," ele sussurra, balançando a cabeça. "A maior parte do continente, *o mundo*, pensa que você está morto."

"A maioria," eu raciocino. Alguns ainda acreditam que estou vivo porque nada aconteceu aos dragões. Porém, como algo poderia acontecer a eles? Eles são prisioneiros no castelo de Garrick... assim como eu era.

"Você aprendeu isso espionando, ou alguém estava no sótão com você?" ele questiona. Tenho que ter cuidado com minhas palavras. Não é que eu não queira contar a Finnian ou que eu não possa; eu só não quero que ele fique nervoso com algo que pode nem acontecer. Eu prefiro protegê-lo da incerteza até que eu tenha alguma aparência de certeza.

"Um soldado me seguiu. Acho que ele é um soldado de alta patente."

"Ele sabe *que você é o herdeiro*?" Finnian exige, levantando-se rapidamente e elevando-se sobre mim.

"Não", eu digo enquanto me ponho de pé ao lado dele. Ele ainda é mais alto que eu, mas Finnian é mais alto que todos. Eu nunca conheci ninguém tão alto quanto ele, mas o soldado do sótão era próximo. Nós costumávamos ter a mesma altura quando éramos mais novos, mas ele disparou para cima como uma árvore quando tinha quatorze anos. Eu sou mediano, o que me ajuda a me misturar com a multidão, mas Finnian é incrivelmente alto.

"Tudo o que consegui dele é que Vareveth está procurando o herdeiro de Atarah. O espectro inferior encerrou a reunião antes que eu pudesse descobrir o propósito exato", digo em um tom calmo. Finnian relaxa visivelmente com meu esclarecimento. A culpa me corrói por manter a reunião de amanhã escondida dele. Sei que é estúpido ir sozinho, mas não posso colocar Finnian em risco de uma emboscada. Não confio no soldado; portanto, não vou levar Finnian para perto dele. É uma lógica idiota, mas simples. "O que mais você aprendeu com os soldados no nível inferior?" pergunto, tanto por curiosidade quanto para desviar a atenção de mim.

"Vareveth está decidido a fazer guerra. Eles estão cansados de fazer tentativas de paz."

"Eles finalmente têm um comandante que sabe que não se pode fazer as pazes com um tirano. Bom para eles," o sarcasmo escorre de cada palavra. No entanto, me beneficia que eles não queiram paz. É menos provável que Vareveth me queira como resgate.

Finnian continua enquanto eu caminho até onde os cavalos se aninham uns contra os outros, "Eles ficarão nesta parte do continente por mais duas semanas. O comandante deles está com eles — aparentemente, ele tem uma cicatriz no rosto que o denuncia."

Meu sangue gela e juro que paro de respirar por um momento. Meu queixo fica aberto enquanto meu coração bate como um tambor de guerra no centro do meu peito, bem como fazia contra as tábuas do assoalho. Não preciso esconder o choque do meu rosto, já que estou de costas para Finnian, uma pequena bênção.

Fiquei cara a cara com o Comandante de Vareveth.

Coloquei uma faca em sua garganta em um sótão empoeirado.

Meus deuses, dei uma joelhada nas bolas do senhor da guerra mais temido do continente.

Eu reprimo a risada perturbada que borbulha na minha garganta e recorro a uma risadinha suave enquanto agarro as rédeas do cavalo de Finnian. Eu não deveria rir, mas como não posso? A pessoa que está vasculhando o continente por mim me tinha em suas garras, e eu o prendi em suas costas. Meus pés giram na lama, e eu me viro para Finnian, fazendo o meu melhor para manter meu rosto neutro. Mal posso esperar até que tudo isso acabe e eu possa contar a Finnian a verdade sobre o que aconteceu no sótão. Ele provavelmente vai cair no chão em uma de suas gargalhadas.

“O exército também está puto com o Rei Eagor por não ter feito algo antes”, acrescenta Finnian. Meus lábios se apertam, e eu aceno, levando os cavalos até ele enquanto formo minha próxima frase na minha cabeça. Paro alguns metros na frente dele e me preparo mentalmente para como ele reagirá à próxima coisa que devo trazer à tona. É algo que discutimos brevemente, mas nunca em profundidade, pois nunca tivemos uma solução adequada.

“Tenho que fazer algo sobre o suprimento de comida em Aestilian.” Seus olhos azuis ficam tempestuosos quando ele registra o que estou dizendo. Vareveth é um reino bem estabelecido; se eu fizer um acordo com eles, posso incluir o envio de comida para Aestilian como um dos termos.

“Podemos encontrar outra maneira”, argumenta Finnian.

“Estamos sem tempo. Quando a primeira geada chegar, as pessoas vão morrer de fome. As rações já estão diminuindo.” Nós enviamos ataques de vez em quando para trazer suprimentos de volta para Aestilian. Eu só permito que os ataques levem de contrabandistas que já estão viajando com bens roubados, mas nunca é garantido o que vamos conseguir. Também temos grupos de caça, mas há muita neve no inverno para eles saírem de Aestilian com segurança. A população continua a crescer, e cada dia que passa é mais um prego no caixão da minha sanidade.

“Quando você se fizer conhecido, seu pai não vai parar até te matar.”

“Eu também não posso me esconder para sempre. Esta noite deixou isso aparente,” eu afirmo.

“Eles não encontraram Aestilian”, Finnian retruca enquanto suas bochechas ficam vermelhas de raiva.

“Não, mas há uma chance de que eles possam.” Minha mente se lembra da visão que só meus pesadelos conjuraram, mas é uma visão que sempre tem a possibilidade de se tornar realidade. Casas e lojas queimadas até o chão. Rostos aflitos. Meu povo lutando por suas vidas contra um exército com muito mais habilidade e armas do que eles. Crianças gritando por seus pais. Pais gritando por seus filhos. “Não vou esperar até que alguém me arraste de Aestilian. Vou embora nos meus próprios termos depois de negociar um acordo que eu quero,” minha voz se eleva para combinar com a dele.

“Não vou perder outro irmão!” Finnian grita. Suas mãos tremem ao lado do corpo, e suas narinas dilatam. Seus olhos piscam rapidamente, lutando para conter as lágrimas.

Meu temperamento diminui quanto mais tempo eu absorvo suas emoções. Finnian e eu podemos gritar um com o outro, alto o suficiente para acordar um deus adormecido, mas uma vez que um de nós quebra, acabou. Minhas mãos soltam as rédeas, e eu corro em sua direção, envolvendo meus braços em volta de seu tronco e colocando minha bochecha no couro liso que cobre seu peito. Seu queixo repousa no topo da minha cabeça enquanto ele envolve seus braços em volta de mim, me puxando para mais perto. Finnian raramente fala sobre a família que ele tinha antes de vir para Aestilian, assim como eu raramente falo sobre o que aconteceu comigo em Imirath. Mas, às vezes, quando a escuridão da noite evocava memórias sem nosso consentimento, nós sempre estávamos lá para segurar os pedaços quebrados um do outro juntos.

"Você não vai me perder", murmuro em seu peito.

Ele funga bruscamente acima de mim: "Você nunca foi meu herdeiro Atarah."

*É por isso que eu te amo.*

“Mas é isso que eu sou”, afirmo suavemente.

“Não. Você é a garota que esmaga frutas na cozinha para fazer geleia e fica animada com livros de romance,” Finnian murmura enquanto me aperta. Eu rio suavemente em seu peito. “Eu não vou assistir você ser trancado de novo.”

Engulo o nó na garganta. "Não vou deixar", juro enquanto afasto minha cabeça de onde ela descansa e olho em seus olhos tempestuosos que se acalmaram um pouco. Meus dentes afundam na parte interna da minha bochecha para manter minhas emoções sob controle; não quero preocupá-lo mais do que ele já está.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Fear the Flames"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).